

**O CASAMENTO COMO “ARMÁRIO”:  
histórias de um homem com conduta homossexual  
no Pantanal de Mato Grosso do Sul**

*Guilherme Rodrigues Passamani* (\*)

**Resumo**

Neste artigo destaco a trajetória de um homem com conduta homossexual na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul. Proponho pensar as convenções de gênero e sexualidade construídas a partir da relação com os diferentes regimes de visibilidade a que esteve submetido ao longo do curso da vida. Analiso ainda as estratégias adotadas por ele para a vivência de uma conduta homossexual e sua relação com a noção de “armário”.

**Palavras-chave:** Condutas Homossexuais. Gênero. Visibilidade. Armário. Pantanal.

**Abstract**

This paper focus on the trajectory of a man with homosexual conduct in Mato Grosso do Sul's Pantanal region. I propose to assess (ou reevaluate, evaluate, analyse) the conventions of gender and sexuality derived (ou acquired) from the relationship with the multiple regimes of visibility to which he was subjected throughout life.

**Keywords:** Homosexual conduct. Gender. Visibility. “Closet”. Pantanal.

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte das reflexões de minha pesquisa de doutorado em Ciências Sociais, ainda em curso, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp na linha de Estudos de Gênero. A referida investigação problematiza a intersecção entre envelhecimento, memória e condutas homossexuais<sup>1</sup> na região do Pantanal de Mato

---

(\*) Professor do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. E-mail: grpassamania@gmail.com.

<sup>1</sup> Utilizo a expressão “condutas homossexuais” para me referir aos sujeitos com os quais eu estou trabalhando. Este é apenas um recurso para tentar aproximar uma série de categorias muito dispersas entre si e tratá-las em seus próprios termos. Utilizo este recurso, pois estou lidando com informações acionadas por meio da memória e que falam, algumas vezes, de tempos que não são o presente e o que me é contado carrega uma fluidez grande entre o que atualmente compreendemos como orientação sexual e identidade de gênero. Ao falar em condutas homossexuais, estou fazendo uma referência às pesquisas de John Gagnon (2006). Para ele, as condutas sexuais seriam atos que exigiriam desenvolvimento da criatividade, amparadas por aspectos culturais mais amplos, fantasias individuais e códigos que permitiriam algum grau de interação social. Segundo Gagnon, a partir de sua crítica à “natureza” social dos comportamentos humanos, ele conseguiu explicar a importância e relevância da discussão sobre condutas sexuais. A explicação de Gagnon seguia o seguinte raciocínio: se todo o comportamento

Grosso do Sul, nas cidades de Corumbá (108 mil habitantes) e Ladário (21 mil habitantes), nas cercanias da fronteira com a Bolívia. Durante o trabalho de campo, realizado entre julho de 2012 e fevereiro de 2014, buscou-se estabelecer contato com uma gama variada de pessoas com condutas homossexuais, maiores de 50 anos, residentes nas duas cidades para pensar trajetórias, curso da vida e possíveis idiossincrasias que poderiam existir na experiência destes sujeitos em regiões que não são caracterizadas como grandes centros urbanos<sup>2</sup>.

Para este artigo, destaco a trajetória e a experiência de um interlocutor da pesquisa. O nomearei como Rubens (66 anos). Ele é formado em administração de empresas e dedica-se a negócios próprios. É viúvo, sem filhos, branco, alto, de cabelos brancos, muito atento aos cuidados com a saúde. Faz exercícios físicos regulares. Rubens é o que se pode chamar de uma pessoa *bem de vida*, ou classe média-alta. Estudou em São Paulo onde viveu por, aproximadamente, cinco anos, no final dos anos de 1960 e começo dos anos de 1970.

A expectativa que tenho, ao problematizar a trajetória de Rubens neste artigo, é pensar os diferentes regimes de visibilidade (Meccia, 2011) e as mudanças que correm no “lugar social da homossexualidade” (Carrara, 2005), tendo o curso da vida (Debert, 2004) do interlocutor como pano de fundo. Como cenário para tanto, tem-se uma cidade do interior do centro-oeste do Brasil, na região do Pantanal, em que não existe um “mercado GLS” (França, 2012) e onde estes sujeitos aparecem na contramão de uma literatura que apostava na migração aos grandes centros para a realização plena da sexualidade (Green, 2000). Rubens experimentou por alguns anos a vida fora de Corumbá, mas retornou ao Pantanal e ali, na cidade de origem, nos interstícios das moralidades locais, desenvolve, cotidianamente, estratégias que lhe permitam *encontros e romances* com seus *garotos*.

Em um primeiro momento, neste texto, destaco os trânsitos de Rubens da juventude à vida adulta e as primeiras construções de seus desejos até o seu casamento, que funciona como um marco limitador das práticas homossexuais. Em um segundo momento, busco pensar as estratégias adotadas pelo interlocutor para a vivência de uma conduta homossexual na cidade de origem, “dentro do armário”, e as implicações

---

humano é social, não há possibilidade de existir um *comportamento sexual biologicamente nu*, mas sim uma *conduta sexual socialmente vestida*.

<sup>2</sup> Usarei itálico nas falas e expressões dos interlocutores, bem como para palavras estrangeiras. Usarei entre aspas para conceitos de autores ou expressões explicativas utilizadas por mim.

acarretadas por regimes de visibilidade que continuam orientados compulsoriamente por condutas heterossexuais públicas.

## 1 TRÂNSITOS POSSÍVEIS E O CASAMENTO COMO “ARMÁRIO”

Rubens (66 anos) é oriundo de uma família pobre e experimentou a vida “no armário” por mais de 20 anos. No entanto, ainda que filho de uma família pobre, ele teve condições – a partir de esforços familiares – de estudar fora de Corumbá e ter um outro tipo de relação com a *vida gay*. Durante o tempo em que fora estudante do ensino superior, viveu na cidade de São Paulo, um dos epicentros nacionais do que se convencionou chamar de “mercado GLS”.<sup>3</sup>

Ele é produtor rural, dono de fazenda no Pantanal. Nunca teve outro emprego, senão a administração dos negócios da família. A vida confortável que desfruta, entre o apartamento na cidade de Corumbá e a fazenda com todo o tipo de tecnologia, além das constantes viagens a lazer, contrasta com o tempo de sua juventude, em que seus pais eram funcionários de fazendeiros e, posteriormente, pequenos proprietários rurais.

Meu interlocutor diz que sua história é *longa e contrastante*, porque ele seria um *velho*. Ele nascera em uma fazenda, nos alagados do Pantanal, no final dos anos de 1940, em uma família, segundo ele, *atípica*, pois era uma família de um único filho, quando todos os vizinhos tinham *uma tropa de crianças*. Os pais viviam na fazenda. Enquanto seu pai cuidava do gado do dono da propriedade, a mãe cuidava da casa e da alimentação dos peões.

Foi ali, na fazenda, que Rubens vivera até ir para a cidade estudar, o que hoje chamamos de Ensino Médio. Ele conta que até hoje é encantado pela região, diz achar Corumbá *linda*. Destaca, principalmente, uma *ingenuidade* que as cidades pequenas propiciariam para as pessoas. Esta ingenuidade *daquele tempo* contrastaria com a vida atual. Ele lembra:

*Tive uma infância normal. De um garoto do Pantanal. Convivi com a natureza, com o rio, com os bichos. Você conhece o Manoel de Barros, nosso maior poeta? Então, o que ele conta na poesia, foi o que eu vivi na prática. Brincava muito sozinho. Fazia muita estripulia. Fui amigo dos filhos dos peões. Com eles, fiz os primeiros troca-trocas. Sem*

---

<sup>3</sup> Isadora Lins França é referência nos trabalhos sobre “mercado GLS” no Brasil (2006, 2006a, 2007, 2007a, 2012). Para alguns trabalhos em que este tema aparece, ver, especialmente, Braz (2013); Facchini (2008); Simões e França (2005), entre outros. Para pesquisas internacionais a cerca da temática, ver Jon Binnie e Beverley Skeggs (2004) e Jon Binnie (1995), etc.

*qualquer maldade. Assim a gente foi descobrindo o sexo. Mas foi uma infância como a de qualquer criança* (Rubens, 66 anos).

Rubens era filho de um migrante gaúcho, que chegou ao Pantanal em busca de uma vida melhor. Como trabalhador que era, logo conquistou a simpatia das pessoas do lugar, pois era visto como um *homem sério*. A mãe de meu interlocutor era uma moça da região do Pantanal. Seus pais se conheceram na fazenda onde todos trabalhavam. Ele faz questão de contar a história de superação dos pais para justificar sua condição atual. Esta condição *privilegiada* seria *fruto de muito trabalho*, diferente da realidade de outras pessoas da região, cujo *dinheiro* é resultado de *heranças* sem qualquer *esforço* pessoal. Rubens diz que ele e os pais teriam *batalhado muito para ter aquela terra*:

*Meu pai trabalhou muito. Fez plantações. A terra era muito barata aqui. Ninguém queria estes lados do mundo. Ele tinha visão de negócio. E foi comprando pequenos pedaços de terra. Meu pai morreu com 80 anos. Em 50 anos de trabalho ele construiu um bom patrimônio, que eu estou mantendo e expandindo. O sonho de papai era me ver doutor. Ser doutor era ser formado em qualquer faculdade. Quando entrei na PUC, eles ficaram muito felizes* (Rubens, 66 anos)

Os pais conseguiram acumular algum recurso ao longo da vida e compraram as primeiras terras, uma pequena propriedade, com a ajuda do patrão do pai de Rubens. Esta mudança inicial na vida, saindo da condição de empregado para a de dono da terra, começou a reunir as condições necessárias para *encaminhar o filho na vida*, isto é, garantir estudos fora da cidade, em um universidade, a fim de que ele fosse *doutor*. Naquela época, o local sugerido pelo ex-patrão da família fora a PUC de São Paulo, ao invés das diferentes universidades do Rio de Janeiro para onde iam os filhos das famílias ricas da cidade. O entendimento era o de que São Paulo era *um lugar mais sério* e as *pessoas iam para estudar*. No Rio de Janeiro *todos se perdiam pela praia* e os estudos *ficavam em segundo plano*.

*Minha mãe achava que o Rio não era um lugar sério. Ela achava São Paulo um lugar sério. Por isso, fui pra lá. Estudei administração na PUC. Achava São Paulo a coisa mais louca do mundo. Eu fiquei aterrorizado quando cheguei. Mas acostumei e vivi 5 anos lá. Daí aconteceu o contrário, o baque foi voltar. Voltar pro Pantanal foi muito ruim, porque eu já era outra pessoa. Sinto uma falta de mim em São Paulo. Por isso, sempre que posso, estou lá* (Rubens, 66 anos).

É importante lembrar que a chegada de Rubens à capital paulista coincidiu com os momentos mais difíceis do regime de exceção imposto pelos militares ao país. Ele

chegou a São Paulo em 1968, ano do Ato Institucional número 5, que marcara o endurecimento do regime. Talvez, as preocupações de sua mãe fossem legítimas. No entanto, paralelo à série de restrições da ditadura, Rubens conta que conseguira desfrutar de um universo inimaginável em Corumbá. Dentre tudo que era novidade para ele, estava uma *vida gay* que inexistia naqueles moldes no Pantanal.<sup>4</sup>

São Paulo representou o tempo de descobertas, de novas experiências no que diz respeito às aproximações afetivas, eróticas e sexuais com outros homens, o que já havia existido, mas de forma muito pontual, em Corumbá. Em São Paulo, Rubens circulara pelos lugares, conheceu pessoas e envolveu-se com outros homens, fez um círculo de amigos que tinham as condutas homossexuais como razão de aproximação. Quer dizer, mesmo em meio a um cenário restritivo mais geral, eram possíveis estas relações e uma certa visibilidade bastante controlada e tensionada por uma moralidade que se impunha socialmente<sup>5</sup>.

É importante frisar, conforme as informações do interlocutor, que a ida para São Paulo não teria relação direta e *consciente* com a sua conduta homossexual. A finalidade da transferência de residência teria como foco, exclusivamente, os estudos superiores. À medida que foi conhecendo melhor a cidade de São Paulo, ele foi experimentando, com mais liberdade e sem tantos medos, as práticas sexuais com outros homens, até *aceitar-se* como *homossexual*.

No entanto, este período longe do Pantanal era um tempo determinado, ou seja, os cinco anos de duração da faculdade. Segundo Rubens, aquela vida *tinha prazo de validade*. O término da faculdade envolveria a volta para Corumbá. Ele conta que o faria por um rápido período, apenas para comunicar aos pais que retornaria a São Paulo, onde procuraria um trabalho na sua área. Além das questões laborais, Rubens tinha *descoberto a homossexualidade* e entendia que em São Paulo poderia ficar um pouco *mais livre* do que em Corumbá para *fazer o que quisesse*.

Entretanto, segundo ele, *o destino* teria lhe *pregado uma peça*. Ele assim conta:

---

<sup>4</sup> Sobre alguns acontecimentos eu marco a repressão às pessoas com conduta homossexual durante a ditadura civil-militar brasileira, ver Green (2003, 2005); Green e Quinalha (2014). Sobre São Paulo no período da ditadura ver Green (2000); Trevisan (2000); McRae (1990). Sobre a sociabilidade entre pessoas com conduta homossexual nos anos de 1950 em São Paulo, ver Barbosa da Silva (2005). Sobre a “cena GLS” paulistana, ver França (2010).

<sup>5</sup> Neste período, surgem alguns grupos de amigos, bastante fechados, que acabam se diferenciando do que Leznoff e Westley (1998) compreenderam, nos anos de 1960, como “comunidade” e aproximam-se da ideia de “confraria”, desenvolvida por Soliva (2012) no Rio de Janeiro. Para uma reflexão sintética sobre o debate que cerca os primeiros estudos que refletem a cerca de uma “comunidade homossexual”, ver Facchini (2008).

*Quando eu voltei para Corumbá, com 25 anos, mais ou menos, já tinha noiva e casamento acertado. Naquela época não tinha essa coisa de casar por amor, querer casar e tudo. Os pais queriam que a gente casasse e a gente casava. Casei, a moça era muito bonita e a gente se conhecia da infância. Eu já sabia bem quem eu era. Do que eu gostava. São Paulo me abriu o mundo. Fiquei casado vinte anos (Rubens, 66 anos).*

A novidade que o esperava era um casamento arranjado. Durante todas as vezes em que esteve no Pantanal, por ocasião das férias na Universidade, o assunto do casamento era recorrente. Rubens, como podia, o evitava. Inventou algumas namoradas em São Paulo, e histórias semelhantes, na tentativa de dissuadir suas família. No entanto, como filho único, sem conseguir fazer com que os pais desistissem do intento, que já era dado como certo com o vizinho de fazenda e pai da pretendente, então o interlocutor acabou casando. Este fato mudou a vida de Rubens por, pelo menos, 20 anos, tempo em que permaneceu casado.

A história do casamento de Rubens é repleta de tristes coincidências que acabaram por “beneficiá-lo” no que diz respeito a uma trajetória de interações eróticas e sexuais com outros homens. Sua esposa morrera com pouco mais de 40 anos de idade, em decorrência de complicações com um câncer de mama. Segundo ele, fora *uma situação difícilíssima*, pois a esposa já tinha apresentado problemas no sistema reprodutivo, razão que os impediram de ter filhos. O interlocutor conta que esta série de problemas o *aproximou* da esposa, a quem no começo *respeitava muito* e depois *começou a sentir amor, carinho e dispensar muito cuidado*, razões que ele aponta para nunca tê-la traído.

Rubens conta que os vinte anos de casamento foram, em alguns momentos, muito angustiantes, já que ele *sentia-se homossexual permanentemente*. O interlocutor lembra que o casamento começara como uma *tragédia anunciada*, mas que fora se transformando em *algo prazeroso*, em grande medida, pela *dedicação* da esposa que seria uma *pessoa espetacular*. A seu turno, Rubens tentara, de toda forma, *sufocar o desejo pelos homens* e *sentir-se atraído sexualmente* pela esposa. No entanto, diz não ter logrado êxito, pois todas as vezes em que fizeram sexo, ele se *concentrava e pensava* nas suas *experiências homossexuais* para *consumar o ato*.

Na pesquisa de Carlos Eduardo Henning (2014) sobre, envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo na cidade de São Paulo, dentre os inúmeros interlocutores do autor, alguns deles definem-se como bissexuais e mantinham uma vida dupla, isto é: o casamento heterossexual e as relações sexuais eventuais com outros

homens. Tais práticas, como mostra o pesquisador, são recobertas por uma série de estratégias que buscam manter o anonimato destas práticas diante da família. Em alguns casos, as “puladas de cerca” foram descobertas e situações desestabilizantes ocorreram. No entanto, alguns sujeitos contam que conseguem manter os “encontros” com outros homens sob um sigilo seguro<sup>6</sup>.

Se o casamento nos dias atuais não tem mais a importância que tinha, ou está em vias de perdê-la, isso não se refletia ainda quando o interlocutor era mais jovem, especialmente, na primeira metade dos anos de 1970, mesmo que estivesse em curso uma verdadeira “revolução dos costumes”. No Pantanal, o casamento era o destino dos jovens com mais de vinte anos, principalmente, daqueles que tinham ido para a *cidade grande tirar o curso* pra ser *doutor*. O casamento, naquele momento, ainda era a conjunção entre a sequência da tradição familiar e um negócio. Rubens estava, pois, no epicentro deste acontecimento.

Meu interlocutor, no entanto, diz que foi muito feliz com a esposa e que a morte dela teria sido *traumática* para ele, ao mesmo tempo em que fora *libertadora*. Ele acompanhou o sofrimento da esposa desde o primeiro dia. *Todo o processo no hospital, a tentativa de recuperação em casa, as recaídas, a debilidade do corpo, as constantes dores, as noites mal-dormidas, até a morte*. Foi, segundo conta, uma *sequência de traumas*. Por outro lado, a morte dela foi *libertadora*. Libertadora para ela mesma, pois teria *parado de sofrer*. Libertadora para ele, pois via-se, com pouco mais de quarenta anos, *livre para voltar a encontrar com os garotos*. Rubens diz que *como um bom viúvo, nunca mais tive outra mulher. A viuvez serviu de álibi para a minha solteirice. Isso abriu portas para o caso com os garotos, coisa que faço nos último vinte anos*.

É bom lembrar que Corumbá, embora uma cidade com mais de cem mil habitantes hoje, nos anos de 1970 era bem menor. Ali, como em outras cidades pequenas em que há proximidade entre a vizinhança, o fuxico, os comentários e a fofoca eram uma constante. A vida alheia sempre teria sido muito interessante a algumas pessoas que transitavam pelo círculo de amizade da família de Rubens. Tal como na investigação de Paulo Rogers Ferreira (2006), no sertão do Cariri, a fofoca era

<sup>6</sup> A categoria bissexual talvez seja a mais invisível da “sopa de letrinhas” (LGBT) no Brasil. Fernando Seffner é um dos poucos pesquisadores, no país que trabalhou as condutas bissexuais entre homens. Ver Seffner (2003, 2004). Nos Estados Unidos a questão não é tão diferente. No entanto, há algumas pesquisas que se voltam para o tema há algumas décadas. As condutas bissexuais aparecem nos debates sobre homens e mulheres com condutas homossexuais. Sobre uma “identidade bissexual”, ver Deanna F. Morrow (2006); sobre o *coming out* para LGBT, especialmente entre bissexuais, ver Morrow (2006 a); sobre família e relações entre bissexuais, ver Daphne L. McClellan (2006). Sobre envelhecimento entre pessoas bissexuais, ver Sari H. Dworkin (2006).

edificadora de alguns tipos de relação. Nesse sentido, o fato de ser reconhecido como *um bom marido* na cidade, *apaixonado* pela esposa, a solteirice de Rubens, segundo ele, nunca teria levantado *suspeita* sobre sua conduta homossexual. Muito embora, como admite, *algumas pessoas podem saber, porque a gente acaba se descuidando uma vez ou outra*. O interlocutor, a todo instante, deixa transparecer que vive uma vida vigiada, sob austera disciplina (Foucault, 1987).

Ele lembra que os encontros sexuais frequentes com outros homens tiveram início em São Paulo, quando contava com pouco mais de vinte anos. Antes disso, faz referência aos *troca-trocas* com os amigos na infância e a uma *transa* nos tempos de serviço militar com um colega de quartel. Porém, afirma que isso não quer dizer que não houvesse o desejo pelos homens. Ele diz que este desejo havia, a ponto de nunca ter pensado sexualmente em uma mulher e de ter se relacionado, ao longo da vida, apenas com uma mulher, sua esposa. Ele esclarece:

*Nunca tive dúvidas. Não queria ser, mas sou. Não lembro quando comecei a pensar, a desejar. A homossexualidade sempre me acompanhou. Depois deixei ela vinte anos guardada. Mas não tinha como guardar o meu desejo. Nem eu sei como eu fiz. Eu inventei uma história pra mim. Sou um homem diferente. Não sou afeminado. Não ando na rua levantando bandeiras. Tenho os meus casos sempre na maior discrição. Sou patrão de muitos peões. Sou conhecido na cidade. Não poderia ser uma bicha destas que a gente vê na rua. Eu perderia o respeito. Isto é ser enrustido? Bem, então sou enrustido. Mas sou um enrustido muito tranquilo e muito consciente de mim (Rubens, 66 anos).*

Rubens apresenta a forma como estruturou sua vida e de como se relacionou com os regimes de visibilidade nos quais estava inserido. Segundo sua compreensão, a figura de um *fazendeiro, patrão de vários peões*, não combinaria com uma *bicha*, pois isso o faria *perder o respeito* diante dos funcionários. Para tanto, mantém, sob alguns aspectos, sua conduta homossexual *no armário*, embora isso seja bem diferente de uma negação de tal conduta. Ela apenas é manejada a fim de que seja tornada visível em espaços e diante de pessoas, supostamente, de confiança.

## 2 A REGULAÇÃO DO “CONTA-GOTAS” DA VISIBILIDADE

O debate sobre “armário”, tal como proposto por Eve Sedgwick (1998), merece reflexão a partir da trajetória de Rubens. Neste caso, ele faz sentido e encontra respaldo nas proposições da autora, inclusive, porque ela mostra que podem ser muitas as



“saídas” e “voltas ao armário” ao longo da vida, de acordo com os contextos nos quais estamos inseridos. Meu interlocutor já teve esta experiência. Pontualmente, houve uma “saída do armário” em São Paulo, longe do Pantanal, da família de origem e da vigilância das pessoas próximas, tal como fora documentado no texto de James Green (2000). Mas precisou “voltar ao armário” no momento de retorno ao Pantanal e durante o casamento. Com a viuvez tiveram início outras tantas “saídas” e “voltas” constantes. Tais comportamentos, no entanto, são diferentes das teorias do *wardrobe*, elaboradas por Judith Halberstam (1998), porque no caso de Rubens há o que esconder e há o que preservar.

A confirmação de que há o que esconder e de que há o que preservar aparece em suas palavras no instante em que diz que não poderia ser uma *bicha*, pois esta figura não seria, segundo ele, *digna de respeito* diante de seus *subalternos*. Aqui, as performances de gênero estão articuladas com a categoria classe. O afeminado, a *bicha*, parece que combinaria, segundo Rubens, com alguém mais *pobre* e, naturalmente, *subalterno*. A figura de chefia, de liderança, precisaria incorporar as performances do macho. Me parece que a tônica da questão é aquilo que Perlongher (1987) chamava de um *devir mulher* que assombra os homens. Este perigo de borrar as fronteiras tão bem estabelecidas entre o binarismo de gênero, que produz, na verdade, *dualismos em duelo* (Fausto-Sterling, 2001).<sup>7</sup>

Estes, no entanto, podem ser alguns traços que marcam a cultura ocidental, ainda muito fortemente amparada em valores machistas (Castañeda, 2006). Sendo assim, o “ser homem” por si só não basta enquanto valor social. Este homem social precisa estar investido de valores que o façam parecer ser mais homem que a maioria dos homens (Passamani, 2013). É preciso destacar-se entre os machos da espécie. Segundo Robert Connell (1995), o “verdadeiro homem” ostenta um *ideal masculino que enfatiza a dominação sobre as mulheres, a competição entre os homens, a exibição da agressividade, a sexualidade predadora* (p.31). No entanto, esta é apenas uma das facetas da masculinidade.

O aprendizado das masculinidades em sociedades como a nossa, é um processo longo e cotidiano. Desde os primeiros anos, os meninos – sim, em sociedades como a nossa, a preocupação mais efetiva é com os meninos – são incentivados a perder a sensibilidade e a capacidade de emocionar-se diante das situações mais triviais e

<sup>7</sup> Sobre a tensão entre a afeminação e virilidade, ver Carrara (2005 a) e Braga (2013).

acercar-se da técnica mais dura, porque ela representaria o ideal de homem a ser perseguido (Passamani, 2009).

Como diz Matthew Gutmann (1999), a discussão sobre masculinidades tem uma profunda ligação com a sexualidade. A sexualidade é parte fundamental de uma masculinidade ainda muito identificada com uma fundamentação anatômica. Em última análise, o foco de diferenciação entre as identidades é a origem biológica. Isto é determinante para uma lógica cultural que construiu os mundos binários que dão origem e separam homens e mulheres.

Por trás desta disputa em torno das sexualidades majoritárias, estão relações de poder (Foucault, 1987). Mais do que afirmar uma sexualidade, um gênero, se quer afirmar uma lógica de mando, do qual estes elementos são partes constituintes fundamentais, uma vez que contribuem para a manutenção de uma mesma representação de autoridade e de verdade há milênios em vigor, pelo menos, no Ocidente. Nestas sociedades disciplinares, das quais fazemos parte, acabam sendo idealizadas, tal como propõe Michael Kimmel (1998), masculinidades hegemônicas e subalternas. Este parece ser o caso de Rubens. Na esteira do que o interlocutor apresentou, Kimmel destaca:

[...] as masculinidades são socialmente construídas, e não uma propriedade de algum tipo de essência eterna, nem mítica, tampouco biológica. Pressuponho que masculinidades (1) variam de cultura para cultura, (2) variam em qualquer cultura no transcorrer de um certo período de tempo, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual. (...) dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia. (Kimmel, 1998, p. 105).

O masculino pode expressar-se socialmente a partir de diversas performances de gênero. Ocorre que há formas de expressão, determinadas performances, que foram estabelecidas como mais apropriadas para uma representação hegemônica e legítima do masculino. Dentre estas, está a representação da virilidade como característica valorativa do homem em detrimento da feminilidade, algo desvalorizado e que aproximaria este sujeito das mulheres, segundo estas percepções, seres cuja feminilidade é uma característica representativa. É nesse sentido que Robert Connell entende que existe uma hegemonia nas representações das performances de gênero:

[...] toda cultura tem uma definição de conduta e dos sentimentos apropriados para os homens. Os rapazes são pressionados a agir e dessa forma se distanciam do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto. A pressão em favor da conformidade vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia, e finalmente, dos empregadores. A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repressão de seus sentimentos (Connel, 1995, p. 190).

Estes elementos todos constituem diferentes regimes de visibilidade (Meccia, 2011). Rubens parece ser um sujeito cuja relação com a visibilidade apresenta-se de forma tensionada. Ele preferia, então, permanecer “no armário”, ou como ele mesmo diz, ser “enrustido” a partir de algumas ponderações sobre a visibilidade e a publicização das condutas homossexuais. A forma encontrada pelo interlocutor para a vivência de sua sexualidade envolveu o segredo, o medo, a vergonha, o *sufocar desejos* durante anos, em grande medida, porque se impunha uma questão social: o matrimônio heterossexual; e uma questão de classe: o fato de ser um rico fazendeiro da região.

No começo dos meus contatos com Rubens, quando não conhecia as suas histórias, fui tentado a relacionar a sua escolha pela não-visibilidade de sua conduta homossexual em razão da inexistência de iguais na cidade, ou a uma circulação bastante restrita destes sujeitos. No entanto, como Rubens me contou, algum tempo depois – e eu mesmo pude observar – Corumbá *é uma cidade lotada de bichas. Nossa cidade é pequena. Mas proporcionalmente, tem muito viado*. Ele atribui esta quantidade expressiva de pessoas com conduta homossexual na região ao grande número de homens que trabalham na Marinha, no Exército, nas fazendas e na mineração. O contingente masculino destes lugares é bem superior ao feminino.

Além disso, conta o interlocutor, que o Carnaval é um evento e um tempo que aglutinariam muitas pessoas com conduta homossexual. Isso faz com que Rubens entenda que, embora a cidade seja pequena, o preconceito tenha arrefecido diante de tempos passados, onde a visibilidade era muito menor e as pessoas tinham que manter tais práticas e relações escondidas. Ele diz que segue neste ritmo de *segredo* por uma escolha pessoal. No entanto, percebe a transformação em direção a uma maior visibilidade, que coincidiria com um grau menor de discriminação.

Ainda que com os cuidados necessários para preservar a sua sexualidade, o interlocutor entende que está em curso um processo que deslocaria, na minha leitura, o “lugar social da homossexualidade” (Carrara, 2005), isto é, um tempo de profundo *desprezo e desrespeito* estaria sendo substituído – ou pelo menos disputando espaço –

por um tempo de alguma *tolerância*. Ernesto Meccia (2011), no contexto de Buenos Aires, chamou esta mudança, ou o percorrer deste caminho, como uma transição da “homossexualidade” para a “gaycidade”. O período da “era gay” seria caracterizado por mais visibilidade, mais respeito, por um circuito de entretenimento, pela reivindicação de direitos e por orgulho de “ser quem se é”.

Nos limites de Corumbá, no Pantanal, sem tentar transpor a realidade de Buenos Aires, mas atentando para pontes possíveis, Rubens percebe questões que embaralham alguns pressupostos:

*Mas em Corumbá há uma coisa que não sei explicar. É cidade pequena, mas parece grande. Tem gente de todo lado. Isto nos deixa um pouco anônimos. Eu sou conhecido aqui, com as pessoas daqui. Mas se entro na internet e converso com um homem de fora, como aconteceu contigo, sou um estranho, um anônimo. Você só sabe a meu respeito, porque eu te contei. E assim é. Esta é uma face bonita da cidade. Além disso, as famílias tiveram que parar de graça, porque em toda casa tem um bicha. Você não pode ser tolerante com a sua bicha e não tolerante com a bicha da família do vizinho. Como a coisa cresceu tanto, está em todo lugar, a mentalidade das pessoas teve que acompanhar. Não sei se aceitam, mas não discriminam tanto (Rubens, 66 anos).*

A primeira observação de Rubens foi uma das muitas recorrências que notei em minha etnografia. A cidade que é pequena, mas não parece pequena. Isso, talvez, realmente, se deva ao fato de muitas *pessoas de fora* constituírem a população local: um grande contingente de servidores das forças armadas, de empresas de mineração e turistas em geral. Estes turistas podem se destinar ao Pantanal, cuja cidade é considerada a capital, ou são turistas que estão de passagem, cujo destino seria os Andes peruanos. Corumbá é o última cidade brasileira da rota dos chamados *mochileiros*, aqueles que buscam um turismo mais barato. Estas seriam algumas das razões que dariam a *cara de uma cidade não pequena*: a diversidade de pessoas que estão em trânsito pela região.

Tal situação, provoca algumas alterações nas aproximações afetivas, eróticas e sexuais. O interlocutor cita o exemplo da *paquera on line*. Esta é uma forma de interação muito comum na cidade, haja vista a ausência de um “mercado GLS” na região. No entanto, como alguns trabalhos sobre interações *on line* mostram (Miskolci 2009, 2013, 2014; Braga 2013; Passamani 2011), em Corumbá há uma pergunta diferente das tradicionais *Idade? Peso? Altura? De onde fala? Curte o quê?* Este roteiro, seguido indiscriminadamente em muitas partes do país e, quem sabe, em outros países, recebe na região o complemento da pergunta *Você é daqui ou de fora?*

Todas as vezes em que participei das *salas de chat*, eu precisei responder a esta questão, naturalmente, acompanhada das demais. *Ser da cidade* ou *de fora* enseja uma gama de possibilidades, se o sujeito *for de fora*; ou uma série de cuidados, se o sujeito *for da cidade*. Parece que existem *scripts* específicos para o prosseguimento dos contatos, a partir da resposta desta que se apresenta como uma pergunta-chave.<sup>8</sup>

Por último, é muito oportuno o apontamento de Rubens no sentido que *as famílias tiveram que parar de graça*, pois teria *uma bicha em cada casa*. Esta seria, para ele, uma das razões para que as condutas homossexuais não fossem tão reprováveis, publicamente, na cidade e houvesse um clima, senão de simpatia, pelo menos de *tolerância* diante destes sujeitos. O arremate do interlocutor é muito interessante: *you cannot be tolerant with your bicha and not tolerant with the bicha of the family of the neighbor*. O interlocutor tenta esclarecer que a presença de algo, ainda que *indesejado*, em casa impediria uma *postura agressiva* diante desta questão que, talvez, fosse naturalmente reprovável para muitas famílias, mas, *forçosamente*, necessitava ser *repensada* uma vez que *um dos nossos também é assim*.

Na percepção de Rubens, esta seria uma das razões que contribuiriam para que ele não tivesse sido vítima de preconceito na cidade. No entanto, atribui a um estilo de vida em que a conduta homossexual não é visível a razão preponderante para tal. Já que, segundo ele, o preconceito existe. Ele conta que, talvez, se escolhesse tornar visível a sua *homossexualidade*: *my farms and my money could buy smiles and good treatment in front of me, but behind my back, I am sure I would be discriminated*. Diante deste cenário, então, a aposta do interlocutor é na *reserva* sobre sua sexualidade e em uma *vivência mais aberta* quando está fora da região, especialmente, em momentos de lazer durante férias e outras viagens.

Em pesquisa anterior, com homens com conduta homossexual em Porto Alegre e Buenos Aires (Passamani, 2009), que não participavam ou teriam se afastado do movimento LGBT naquelas cidades, um aspecto que me chamou a atenção – e que vejo se repetir em Corumbá, especialmente, na rede em Rubens – é a necessidade de manejar a visibilidade da conduta homossexual de acordo com as pessoas e as circunstâncias

<sup>8</sup> Nas pesquisas anteriores que realizei (Passamani, 2009; 2011), uma das inserções em campo, tanto em Santa Maria, como em Buenos Aires, foi por meio das *salas de chat* na *internet*. Em nenhum destes casos, esta pergunta apareceu como central para o prosseguimento das conversas. Em Corumbá, no entanto, ela era central, pois demonstrava o nível de intimidade e até onde era possível “se mostrar”. Rubens mesmo, apenas conversou comigo mostrando o seu rosto depois de algumas semanas de contato e depois de, segundo ele, *ter quase certeza* de que eu *era de fora* e de que eu *era inofensivo*. Ele acreditou nos meus propósitos com a pesquisa e fez uma série de perguntas me *testando* nesse sentido.

com as quais se interage. Naquela altura, chamei estas estratégias de “homossexualidades reservadas”, uma espécie de conceito “guarda-chuva” para certo tipo de conduta homossexual que prezava pelo segredo, por uma masculinidade hegemônica e pelo afastamento do chamado “mundo gay”.

Diferente de minha primeira pesquisa, realizada em Santa Maria, no Rio Grande do Sul (Passamani, 2011), onde muitos dos meninos, que eram migrantes de cidades ainda menores do interior do Estado, negavam a *homossexualidade* publicamente e tentavam, de toda forma, serem vistos como homens com conduta heterossexual, os interlocutores de Porto Alegre e Buenos Aires se compreendiam como pessoas com conduta homossexual, mas manejam, como que a controlar, rigidamente, o “conta-gotas da visibilidade”. Como um deles dizia: *é preciso saber onde se pisa, para depois saber como pisar*.

Vejo algumas recorrências entre as minhas pesquisas anteriores e os cuidados desenvolvidos por Rubens em sua trajetória. Tais cuidados com a visibilidade de sua conduta homossexual teriam resultado no fato de desenvolver poucas amizades na cidade, embora seja conhecido por muitas pessoas e tenha uma relação quase familiar com seus funcionários. Ele qualifica os seus amantes, *os guris que encontra eventualmente*, como seus amigos. E diz que os *amigos de antigamente* estão quase todos mortos. O interlocutor conta, porém, que, em São Paulo, ainda encontra *um pessoal das antigas* e frequenta o *Caneca de Prata*<sup>9</sup> e uma *sauna nova no Largo do Arouche* (Chilli Pepper Single Hotel)<sup>10</sup>.

Conheci Rubens, primeiro, como colega de academia em Corumbá. Malhávamos juntos e, algumas vezes, nos cumprimentamos, depois de alguns olhares trocados em meio aos exercícios. Posteriormente, o conheci via *salas de chat na internet*. E foi uma grata surpresa, que acabou gerando certo constrangimento para ele. Retomo esta fase inicial de nosso processo de aproximação, para fazer menção ao espaço da academia, já que meu interlocutor o frequenta com regularidade há alguns anos. Ele sentiu a necessidade de começar a praticar exercícios físicos, pois estava insatisfeito com o peso, que não parava de aumentar, e com sua *barriga*. Além disso, alguns exames de rotina,

---

<sup>9</sup> O *Caneca de Prata* é, segundo alguns estudos, o mais tradicional bar, em atividade no país, cuja frequência majoritária é de homens mais velhos com condutas homossexuais. O bar localiza-se na Avenida Vieira de Carvalho, no centro da cidade de São Paulo, entre a Praça da República e a rua Aurora. Ver: Simões (2011) e Henning (2014).

<sup>10</sup> Está em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unicamp, a pesquisa de doutoramento de Bruno Puccinelli, na linha de Estudos de Gênero, que, entre outras questões, discute, à luz de alguns marcadores produtores de diferença social, o *Chilli Pepper Single Hotel*.

apontaram para a necessidade de exercitar-se<sup>11</sup>. No entanto, percebi que as questões estéticas tiveram preponderância nesta decisão. Ele assim conta:

*Quando vou a saunas, em São Paulo, está lotado de homens velhos. Muitos da minha idade. Muitos mais velhos que eu. Quase todos mais acabados que eu. Eu me cuido. Eu me cuido muito. A academia ajuda muito. Minha barriga hoje é tranquila. Me visto bem. Como bem. Leio, penso. Sabe? Não sou acomodado. Sou muito informado. Acho que a beleza também se constrói assim. Então, olho para aqueles velhos e fico numa tristeza. Porque eles estão acabados. Eu não. Eu tenho a idade. Não posso fugir dela. Tenho sessenta e seis anos. Mas estes anos ainda não me pesam. Tenho agilidade (Rubens, 66 anos).*

Rubens atribui seus controles e domínios sobre o corpo a uma rotina de exercícios e como resultado de uma vida saudável, onde intercalara muito trabalho com lazer. Ou seja, ele chama para si a responsabilidade pela condução de uma vida *bem-sucedida*, da mesma forma que responsabiliza *aqueles velhos* pelo suposto *fracasso*, expresso no *corpo acabado* e com *grandes barrigas*. Rubens faz eco a certo tipo de olhar sobre o envelhecimento e a velhice que Guita Debert (2004) vai chamar de “reprivatização da velhice” e sobre o qual a autora tece uma série de críticas. Além disso, o interlocutor faz menção à busca por informação, leitura e participação em diversas atividades como possibilidades de *não se entregar para a vida*, ou *dar ouvidos para a solidão*. *Minha vida ainda é muito movimentada. Sempre tem uma coisa ou outra acontecendo. Eu trabalho demais.*

Por fim, quando pedi para Rubens fazer uma avaliação do que vivera até ali, ele diz que no campo da solidão a percebe na cabeça das pessoas e não na ausência de gente por perto. Segundo o interlocutor, o fato de viver só, como ele vive, não o faz estar na solidão. Ele dizia sentir solidão, algumas vezes, quando era casado e não conseguia se sentir livre, pois era refém de uma série de amarras sociais impostas pelo casamento, por exemplo. Por outro lado, não cansa de agradecer à vida que, em sua opinião *é gostosa demais*. *Queria ter mais uns cinquenta anos para poder conhecer todos os lugares que ainda não conheci e para ter todos os homens que ainda não tive.*

<sup>11</sup> Sobre academias de ginástica e a frequência de pessoas mais velhas, especialmente, sobre as academias especializadas neste público, ver Gambarotto (2013). A autora está desenvolvendo uma pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unicamp, na linha de estudos de gênero, sobre envelhecimento, consumo e os usos que os “idosos” fazem das academias de ginástica em São Paulo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A velhice ainda é associada ao corpo em decrepitude, tal como fora descrito por Simone de Beauvoir (1990). O olhar crítico da autora abriu espaço para o rompimento com uma chamada “conspiração do silêncio” e de olhares mais microscópicos sobre este momento da vida, que é tão particular aos diferentes sujeitos. No entanto, até hoje, o mais comum ainda parece ser pensar no envelhecimento e na velhice com um momento de infortúnios e de descalabro, especialmente, do corpo, como Rubens – o interlocutor que escolhi contar a trajetória aqui – refere-se aos demais velhos que observa nos espaços por onde circula ou na série de cuidados que ele precisa ter para não tornar-se um dos homens que aponta como desinteressantes.

Guita Debert (2004) e Mauro Brigeiro (2000), entre muitos outros, já apontaram como os cuidados com o corpo tornam-se fundamentais em momentos mais avançados do curso da vida e como isso vai adquirindo relevância para compreender-se ou não enquanto um sujeito velho. Este acaba sendo, também, um tema central para a gerontologia, fundamentalmente, no que diz respeito aos controles corporais, em suas competências básicas, como adverte Mike Featherstone (1998), ou no campo da sexualidade e do erotismo na velhice, segundo Ricardo Iacub (2011).

No que diz respeito às pessoas com conduta homossexual, o envelhecimento e a velhice parecem ser uma razão de preocupação mais flagrante para os homens e as travestis. Esta, pelo menos a partir do meu trabalho de campo, ou da literatura a que tive acesso, não é uma questão central entre as mulheres com conduta homossexual, embora entre elas esta temática também seja visível.

No entanto, desde o artigo pioneiro de Julio Simões (2004), até os trabalhos mais recentes de Carlos Eduardo Henning (2014), Thiago Soliva (2012), Gustavo Duarte (2013) Fernando Pocahy (2011), Cristian Paiva (2011), Murilo Mota (2011), Pedro Sammarco (2011) e Mônica Siqueira (2009), entre outros, o corpo tem uma centralidade para estes sujeitos, sobretudo, como o *locus* mais flagrante do “ser desejado” ou “desejável”. Haja vista, portanto, a necessidade de uma série de cuidados com a saúde e/ou estéticos para tentar, senão eliminar, pelo menos, retardar os efeitos do envelhecimento e da velhice aparentes no corpo. Penso que o exemplo sintomático, que materializa esta reflexão, seja personificado na figura do “coroa”, problematizada por Julio Simões (2004).



Nas palavras finais de Rubens está subscrita a sua relação tensa com o regime de visibilidade a que ele está submetido em Corumbá. A vontade de estar em lugares ainda não conhecidos vem colada a dos homens que ainda não teve, porque, certamente, nos lugares desconhecidos, ele também será um desconhecido. Como um estranho (para o lugar e para os homens do lugar) não se sentiria pressionado a manter a rígida *persona* pública de um “viúvo apaixonado pela esposa morta”.

Nestes lugares desconhecidos, que podem ser as ruas de São Paulo, ou as fumacentas madrugadas das saunas paulistanas, bem como as praias do Rio de Janeiro ou alguma capital europeia, Rubens consegue romper as portas do *armário* que, tacitamente, mantém cerradas no Pantanal. O constante trânsito proporcionado pelas viagens, mais que uma fuga, pode ser uma forma de se encontrar. A tensão com a visibilidade parece ser assim: uma disputa entre vários componentes, mas em que, ao que tudo indica, medo e coragem parecem disputar os primeiros lugares.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. *Travestis que envelhecem*. Dissertação. (Mestrado em Gerontologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BINNIE, Jon. “Trading places: consumption, sexuality and the production of queer space”. In BELL, David; VALENTINE, Gill. *Mapping desire*. New York: Routledge, 1995. p. 182-199

BINNIE, Jon; SKEGGS, Beverley. “Cosmopolitan knowledge and the production and consumption of sexualized space: Manchester's gay village”. *The Sociological Review*, v. 52, n. 1, 2004. p. 39–61

BRAGA, Gibran T. *'Não sou nem curto'* Prazer e Conflito no Universo do Homoerotismo Virtual. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). PPGSA UFRJ, 2013.

BRAZ, Camilo. *À meia luz...uma etnografia em clubes de sexo masculinos*. Goiânia: EDUFG, 2012.

BRIGEIRO, Mauro. *Rir ou chorar?* Envelhecimento, sexualidade e sociabilidade masculina. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

CARRARA, Sérgio. “O Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos e o ‘Lugar’ da Homossexualidade”. In. GROSSI, Miriam Pillar [et al.](org.). *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond. 2005.

CARRARA, Sérgio. *Só os viris e discretos serão amados?* Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1906200509.htm>. Acesso em 17/05/2014. 2005a.

CASTAÑEDA, Marina. *O machismo invisível*. São Paulo: A Girafa, 2006.

CONNEL, Robert W. "Políticas da masculinidade". In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n.º 2, jul./dez., 1995.

COOK-DANIELS, L. "Trans Aging". In: KIMMEL, D; ROSE, T; DAVID, S. (orgs.). *Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Aging: research and clinical perspectives*. New York: Columbia University Press, 2006. p. 20-35

DEBERT, Guita. *A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

DUARTE, Gustavo de Oliveira. *O "Bloco das Irenes"*. Articulações entre amizade, homossexualidade(s) e o processo de envelhecimento. Tese (Doutorado em Educação). PPGC, UFRGS. Porto Alegre, 2013.

DWORKIN, Sari H. "The aging bisexual: the invisible of de the invisible minority". In: KIMMEL, Douglas; ROSE, Tara; DAVID, Steven (orgs.). *Lesbian, gay, bisexual, and transgender aging – Research and clinical perspectives*. New York: Columbia University Press, 2006. p. 36-53

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres (homos)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2008.

FAUSTO-STERLING, A. "Dualismos em duelo". In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 17/18, p. 09-79, 2002.

FEATHERSTONE, M. "O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento". In: DEBERT, G.G. (org). *Antropologia e Velhice*. Campinas-SP: IFCH/ UNICAMP, 1998.

FERREIRA, Paulo Rogers da Silva. *Os afectos mal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas*. 2006. 173 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. O nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANÇA, I. L. . "Cada macaco no seu galho?": arranjos de poder, políticas identitárias e segmentação de mercado no movimento homossexual. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 21, p. 103-115, 2006.

FRANÇA, I. L. *Cercas e pontes*. O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006a.

FRANÇA, I. L. "Sobre 'guetos' e 'rótulos': tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo". *Cadernos Pagu* (UNICAMP. Impresso), v. 28, p. 227-255, 2007.

FRANÇA, I. L. "Identidades coletivas, consumo e política: a aproximação entre mercado GLS e movimento GLBT em São Paulo". *Horizontes Antropológicos* (UFRGS. Impresso), v. 28, p. 289-311, 2007a.

FRANÇA, I. L. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). IFCH-PPGCS. Campinas-SP: Unicamp, 2010.

FRANÇA, I. L. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2012.

GAGNON, John H. *Uma interpretação do desejo*. Ensaio sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GAMBAROTTO, Paola. “A idade que chega. A experiência do envelhecer em meio a novos discursos e imagens do envelhecimento”. In. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10* (Anais Eletrônicos). Florianópolis: UFSC, 2013.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: EDUNESP, 2000.

GREEN, James Naylor. “A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina”. In. GREEN, J. N.; MALUF, S. W. (orgs.). *Cadernos AEL - Homossexualidade: sociedade, movimento e lutas*. v. 10, n. 18/19, 2003.

GREEN, James Naylor. “‘Quem é o homem que quer me matar?’: homossexualidade, masculinidade e luta armada revolucionária nas décadas de 1960 e 1970”. In: MARTINS FILHO, João Roberto (org.). *O golpe de 1964 e o regime militar*. Novas perspectivas. São Carlos-SP: EDUFSCar, 2006. p.105-117

GREEN, James Naylor; QUINALHA, Renan. *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos-SP: EDUFSCar, 2014.

GUTMANN, M.C. “Traficando con hombres: la antropologia de la masculinidad”. In. *Horizontes Antropológicos*. n. 10. Porto Alegre: EDUFRGS, 1999. p 245-286

HALBERSTAM, Judith. *Female masculinity*. London, England: Duke University Press, 1998.

HENNING, Carlos Eduardo. **Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras: Envelhecimento, Meia Idade, Velhice e Homoerotismo Masculino na Cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2014.

IACUB, Ricardo. *Erótica y vejez: perspectivas de Occidente*. Buenos Aires: Paidós, 2011.

KIMMEL, Michael S. “A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”. In. *Horizontes Antropológicos/UFGRS*. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre: PPGAS, 1998.

LEZNOFF, M.; WESTLEY, W. A. “The homosexual community”. In: NARDI, P. M.; SCHNEIDER, B. E. (Ed.). *Social perspectives in lesbian and gay studies: a reader*. New York: Routledge, 1998. p. 5-11.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da ‘abertura’*. Campinas-SP: Edunicamp, 1990.

MCCLELLAN, Daphne L. “Bisexual relationships and families”. In. MORROW, Deana F., MESSINGER, Lori (orgs.). *Sexual orientation and gender expression in social work practice: working with gay, lesbian, bisexual, and transgender people*. New York, NY, Estados Unidos: Columbia University Press, 2006. p. 243-262.

MECCIA, Ernesto. *Los últimos homosexuales*. Sociología de la homosexualidad y la gaycidad. Buenos Aires: Gran Aldea Editores, 2011.

MISKOLCI, Richard . "O armário ampliado: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet". *Gênero*, v. 9, p. 171-190, 2009.

MISKOLCI, Richard. "Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line". In. *Revista Estudos Feministas* (UFSC. Impresso), v. 21, p. 301-324, 2013.

MISKOLCI, Richard . "Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais". In. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 8, p. 51-78, 2014.

MORROW, Deana F. "Gay, lesbian, and bisexual identity development". In. MORROW, Deana F., MESSINGER, Lori (orgs.). *Sexual orientation and gender expression in social work practice: working with gay, lesbian, bisexual, and transgender people*. New York, NY, Estados Unidos: Columbia University Press, 2006. p. 81-105.

MORROW, Deana F. "Coming out as gay, lesbian, bisexual and transgender." In. MORROW, Deana F., MESSINGER, Lori (orgs.). *Sexual orientation and gender expression in social work practice: working with gay, lesbian, bisexual, and transgender people*. New York, NY, Estados Unidos: Columbia University Press, 2006 a. p. 129-149.

MOTA, Murilo. *Homossexualidades masculinas e a experiência de envelhecer*. Tese (Doutorado em Serviço Social). PPGESS, UFRJ. Rio de Janeiro, 2011.

PAIVA, Cristian. "Coroas e filhões: gênero, erotismo e geração em relações homossexuais masculinas". GT32 - Sexualidade e gênero: sociabilidade, erotismo e política. 35º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu-MG, 2011.

PASSAMANI, Guilherme R. *O arco-íris (des)coberto*. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2009.

PASSAMANI, Guilherme R. *Na batida da concha*. Sociabilidades juvenis e homossexualidades reservadas no interior do Rio Grande do Sul. Santa Maria-RS: EditoraUFSM, 2011.

PASSAMANI, Guilherme R. . "Uma montanha, dois caubois e um segredo: um debate sobre gênero e masculinidades". In. *Bagoas* : Revista de Estudos Gays, v. 7, p. 198 -212, 2013.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê*. A prostituição viril. São Paulo: Brasiliense, 1987.

POCAHY, Fernando. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. Tese (Doutorado em Educação). PPGE, UFRGS. Porto Alegre, 2011.

PUCCINELLI, Bruno. *Pão com ovo e Chilli Pepper: poder, sexualidade, usos do espaço e centralidades em São Paulo*. Pesquisa em desenvolvimento. IFCH-PPGCS: Unicamp, 2013.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemologia del armario*. Barcelona: Ediciones de La tempestad, 1998.

SEFFNER, Fernando. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2003.

SEFFNER, Fernando. “Representações da masculinidade bissexual: um estudo a partir dos informantes da Rede Bis – Brasil”. In: CÁCERES, Carlos Fernando (at. al.). *Ciudadania Sexualen America Latina: abriendo el debate*. Lima, Peru: Universidad Peruana Cayetano Heredia, 2004, p. 219-238.

SILVA, José Fábio Barbosa da. “Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário”. In. GREEN, James N., TRINDADE, Ronaldo (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: EDUNESP, 2005.

SIMÕES, Júlio Assis. “Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais”. In. PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; Carrara, Sérgio (orgs.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SIMÕES, Júlio Assis. "Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo" In: *A Terceira Idade – Estudos sobre Envelhecimento – Revista Eletrônica – Serviço Social do Comércio (SESC)*. São Paulo: Edubase, 2011 Edição n. 50, v. 22, Jul., p. 07-19.

SIMÕES, Júlio Assis e FRANÇA, Isadora Lins. “Do gueto ao mercado”. In: GREEN, James Naylor; TRINDADE, Ronaldo. (orgs.) *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo, Editora Unesp, 2005.

SIQUEIRA, Monica S. *Arrasando horrores! Uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). PPGAS, UFSC. Florianópolis, 2009.

SOLIVA, Thiago Barcelos. *A confraria gay: um estudo de sociabilidade, homossexualidade e amizades na Turma OK*. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). PPGSA, UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

(Recebido em agosto de 2015; aceito em novembro de 2015)